

A bela morte do herói: estudo sobre o discurso e rituais fúnebres dos intelectuais oitocentistas.

Maira Wanderley Neves

Mestre em história Social da Amazônia

A imagem dos homens de letras, construída no século XIX, possui grande importância na consolidação da identidade nacional brasileira. Esse imaginário de homens dedicados à causa nacional e à construção de um Brasil “novo” surge como possibilidade no início do século XIX, fosse ele um Brasil monárquico ou um Brasil republicano.

Assim, mesmo que estes homens fossem dedicados à literatura, como arte, é importante pensar que, para muitos intelectuais desse período, essa arte era entendida como sinônimo do conjunto de todas as manifestações de ordem intelectual traduzidas pela escrita, seja no domínio da ciência, da arte e das letras.¹

No entanto, não foram todos os homens que se dedicaram a essa causa que conseguiram ser vistos e reconhecidos como intelectuais, ou mesmo, literatos. E o que transforma um homem em intelectual no século XIX, é justamente possuir uma imagem que se distinga de tantas outras, que sua voz se destaque no meio de tantas outras vozes, que a seu nome seja agregado símbolos que representem esse ideário. Ideário que é fruto de uma construção, fruto de um processo de legitimação gerado no seio da elite letrada brasileira. Dessa forma, a concepção de intelectual aqui utilizada é compreendida através da relação de identidade que esses mantinham entre si, na qual o intelectual é reconhecido a partir de suas ações e utilização de ferramentas legitimadoras fornecidas pelo próprio campo intelectual.²

E o que lhes garante identidade é a junção de vários instrumentos legitimadores, que juntos dão inteligibilidade ao campo literário³, dão visibilidade a um grupo distinto de homens e os investem de símbolos. E é partindo dessas formas de identificação que se pretende analisar os processos simbólicos que envolvem a morte de

¹ VERISSIMO, José. Estudos Brasileiros (1877-1885). Pará: T. Cardoso, 1889.

² BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

³ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. BOURDIEU, Pierre. As regras da arte. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

certos intelectuais, visto que, a identidade construída em vida está diretamente relacionada com a imagem que será construída após sua morte.

Assim, a análise recairá sobre os discursos fúnebres de Machado de Assis e Lima Barreto, dois escritores brasileiros, que viveram e produziram em meados do século XIX/XX. Suas histórias se cruzam, por serem ambos representantes das letras nacionais, porém suas histórias e a construção de suas memórias seguem caminhos diferentes.

Lima Barreto, assim como Machado nasceu pobre e lutou para realizar sua obra, assim como o Bruxo do Cosme Velho, começou sua carreira literária escrevendo crônicas em jornais cariocas e posteriormente publicando seus romances. No entanto Machado pertencia a um grupo intelectual diferente do de Barreto, e assim ocupava um outro *lugar* social e simbólico na sociedade brasileira. Barreto, sempre associado a boêmia, chegou a ser internado duas vezes no sanatório para tratamento do alcoolismo, insígnia que carregava muitos homens de letras que eram associados a noite e boemia da cidade. Machado, por outro lado, carregou outros símbolos, como o de fundador da Academia Brasileira de Letras, a mesma que rejeitou, por duas vezes, o pedido de ingresso do autor de Policarpo Quaresma.

Assim, os símbolos que envolvem a morte de Lima Barreto, são erguidos em torno da imagem que se construiu dele enquanto vivo. Uma sociedade que, pautada em padrões morais remanescentes do patriarcalismo, carregada de marcas sociais e padrões de comportamento, viu Lima Barreto como um grande escritor, porém boêmio e desregrado. Os discurso que surgem a partir de 01 de janeiro de 1922, carregam essas marcas, que para sempre será associada a imagem do escritor. Como o discurso do jornal *A Noite*, de 02 de novembro de 1922, e o de *O Jornal*, de 3 de novembro do mesmo ano.

Faleceu em sua residência, á rua Major Mascarenhas, estação da Piedade, onde vivia ha muitos anos, um dos nossos mais festejados escritores, Lima Barreto. Esse passamento, aliás esperado, pois que, de havia meses, ele apresentava sérios sintomas de grave enfermidade, a que concorria a sua índole irreprimivelmente boêmia, veio estremunhar numa dolorosa surpresa todo o nosso mundo mental, que via em Lima Barreto o verdadeiro escritor típico do nosso povo (...)

Ha três dias recolhera-se á casa e não mais saíra. Anteontem, ás 5 horas da tarde, uma de suas irmãs, em obediência ás prescrições médicas, penetrara em seu quarto para dar-lhe uma colher de remédio; achou-o em estado de agonia. A família pediu a Assistência, que já o encontrou morto.

Assim, morreu o filho extremoso, que, no arranco ultimo, teve ainda forças para conter-se numa sublime mudez, a fim de não causar dissabor ao pai, seu grande amigo. (...)

Nesse sentido, quando morto, o intelectual tem toda sua vida revista e ressignificada. Dela certos momentos serão escolhidos para simbolizar o homem como um todo. Os signos agora precisam representar alguém que está não está mais aqui, que já não pode mais falar, que já não pode fazer mais nada para não ser esquecido. Assim, a escolha desses acontecimentos representa um momento importante para a segunda vida, a vida eterna do intelectual. Pois serão a partir deles que ele será lembrado, e, talvez mais importantes, será a partir de sua memória que lhe será designado um *lugar* para ocupar no imaginário da nação.

A morte de Machado de Assis, e os discursos produzidos pela imprensa da época, refletem bastante essa discussão. No jornal *A Imprensa*, de 30 de novembro de 1908, o jornalista rememora o passado do escritor que “nasceu inteiramente pobre e foi no seio da pobreza que ele se criou e deu os primeiros passos na sua vida”. Assim, Machado morto representa o filho que a nação perdeu, que venceu as dificuldades do meio e aquele que elevou o Brasil mais alto no mundo das letras, nas palavras do jornalista. No jornal *O Século*, também de 30 de novembro, os mesmos símbolos são colados a sua memória:

Porque Machado de Assis não foi nenhum filho da fortuna, ele teve de lutar incessantemente contra todos os obstáculos da vida. Não gozava saúde, não tinha meios para se desvencilhar das amarguras em que seu espírito soçobriria de certo, se ele não tivesse a couraça de uma energia que ninguém adivinhava na serenidade e na doçura daquela alma de criança. Entrou lutando e tombou vencido pela dor e pela saudade.

Assim, percebe-se que um homem é construído para além de sua trajetória intelectual. Outro símbolo comumente associado à morte de Machado de Assis, símbolo que remonta ao ano de 1904, é a morte de Carolina Novais, com quem se casou em 1869. Se a memória sobrevivesse de fatos científicos, dir-se-ia que a morte da esposa, quatro anos antes, de nada teve a ver com a morte do escritor vítima de infecção intestinal e ulcera na língua. Mas os heróis não são construídos pela ciência, são construídos pela emoção e pela necessidade. E foi assim que Machado entrou na vida lutando e foi vencido pela dor e pela saudade, segundo o jornal *O Século*, de 29 de setembro de 1908.

Machado foi enterrado ao lado de sua Carolina, cumprindo o que, anos antes, havia lhe escrito num soneto de despedida:

Querida, ao pé do leito derradeiro,
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro

O que se busca não é exatamente estabelecer comparação entre os discursos e ritos fúnebres que constroem a morte desses dois intelectuais brasileiros, mas sim, perceber que esses discursos instituem uma memória, solidificam certa identidade que deverá ser lembrada. Identidade essa que não nasce do compromisso de representar necessariamente a vida do homem Machado, ou do homem Barreto, mas sim, uma identidade que nasce para a nação, nasce para certa memória coletiva, que nasce para a solidificação da identidade nacional brasileira. A memória construída sobre a vida desses homens é uma história contada, organizada para fazer sentido para o presente, mas principalmente para o futuro. São discursos que carregam a responsabilidade de fundar o mito, de fundar o herói nacional, de torná-los eternos.

No entanto acredito no que disse Shakespeare, séculos antes, em 1623, no ato V, cena V, de *Macbeth*, quando este recebe a notícia da morte de sua esposa por Seyton, oficial que o servia:

A rainha está morta, senhor.
E Macbeth diz:
Ela só devia morrer mais tarde;
Haveria um momento para isso.

Amanhã, e amanhã, e ainda amanhã
Arrastam nesse passo o dia a dia
Até o fim do tempo pré-notado.
E todo o ontem conduziu os tolos
À vida em pó da morte. Apaga, vela!
A vida é só uma sombra: um mal ator
Que grita e se debate pelo palco,
Depois é esquecido; é uma história
Que conta o idiota, toda som e fúria,
Sem querer dizer nada.⁴

Esse, que deve ser um dos solilóquios mais famosos da obra, trata justamente da insustentável leveza que carrega a vida e a morte dos homens. Onde a vida humana é inacessível a compreensão, é algo místico e mágico que foge a representações. É uma história, sim, mas uma história contada por alguém, que grita e se debate, que busca dar sentido, dar coesão, e muitas vezes construir um personagem, mas que, vez ou outra, não quer dizer nada. São signos e símbolos que só refletem a necessidade dos vivos, daqueles que precisam lembrar, que não podem esquecer. E para esses, que vivem envoltos no som e na fúria da vida, o que importa é se a história foi bem contada.

⁴ SHAKESPEARE, William. Hamlet, Rei Lear, Macbeth. (Tradução de Bárbara Heliodora) São Paulo: Abril, 2010, pp.567.